

26-09-2024

## FÓRUMAT 100 VEZES. CAMINHOS DA ANÁLISE DE ACIDENTES

**Ildeberto Muniz de Almeida**

[Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP]

No dia 10 de setembro de 2024 foi promovido o 100º Encontro (web – presencial) do Fórum Acidentes de trabalho (FórumAT). Criado de forma despretensiosa em 2008, com formato que incluía Encontros Presenciais periódicos ancorados em página internet ([www.forumat.net.br](http://www.forumat.net.br)), o Fórum AT traz como marca principal a denúncia de práticas ditas de investigação de acidentes que terminam atribuindo culpa às vítimas. Em paralelo difunde teorias sobre o fenômeno e técnicas de análise apoiadas em concepções de acidentes vistos como eventos sociotécnicos, psicoorganizacionais, sistêmicos, com origens e consequências enraizadas na história dos sistemas em questão. Os conceitos de vigilância em saúde (VISA) - vista em três dimensões de causas ou macro determinantes, riscos ou exposições e danos ou consequências - e de gravata-borboleta - com lados esquerdo (de antecedentes distais e proximais), centro (acidente propriamente dito) e consequências, impactos ou danos proximais e distais - ajudam a enxergar a integralidade do evento e a estruturar modelos de intervenções em resposta a acidentes e desastres. A análise ou investigação de acidentes é apresentada como construção social baseada em escolhas feitas por quem a conduz. E, infelizmente, entre nós as escolhas prevalentes alimentam a culpa e inibem esforços de prevenção.

### ESPAÇO DE DIÁLOGO E APRENDIZAGEM

Ao longo dos anos o FórumAT foi se firmando como espaço de diálogo e divulgação de mudanças que aconteciam na compreensão sobre acidentes assumida pelo grupo de pesquisa que o criou e manteve. Importante destacar duas origens principais de mudanças no nosso olhar. Uma, teórica, de aprofundamento de estudos e debates sobre as concepções de acidentes e a produção dos principais autores de diversas correntes de pensamento que se dedicavam ao tema desde os anos 80 do século passado. E outra, prática, de engajamento em tentativas de análises em profundidade de larga variedade de exemplos de acidentes de trabalho e industriais (desastres). Frequentar a vida, mergulhar em análises foi sempre processo coletivo que, na maioria dos casos, incluiu ida aos respectivos cenários, escuta privilegiada de trabalhadores e profissionais envolvidos e muita “camelação” e trocas durante redação de relatórios, artigos, capítulos de livros etc. Uma fonte de riqueza adicional nesse último caso foi a oferta de cursos de análises de acidentes estruturados em torno da ideia de reanálise de eventos escolhidos e trazidos pelos participantes oriundos de empresas de diferentes setores de atividade, Centros de referência em saúde do trabalhador (Cerest), auditoria fiscal do trabalho, disciplinas de pós-graduação, etc. A vida trouxe desafios e aprendizagem frutos de releituras baseadas nas perguntas de análise. Até que ponto os conceitos apresentados no curso permitem enxergar aspectos das origens e consequências do evento escolhido, não identificados em sua análise pré curso?

### MODELO DE ANÁLISE E PREVENÇÃO DE ACIDENTES (MAPA)

A oferta de atividades da formação acima citada ganhou corpo com a criação do MAPA que inclui escolha de concepção sistêmica e histórica de acidentes e quatro conjuntos de conceitos e princípios de análises a serem usados como guias de processos coletivos de coleta e interpretação de dados nas análises. E também das conclusões e “recomendações” a serem implantadas e acompanhadas de modo a retroalimentar o sistema.

### DESDOBRAMENTOS PRÁTICOS E CONCEITUAIS

A aprendizagem do grupo de pesquisadores envolve pelo menos três aspectos principais, em que o uso dos conceitos foi sendo aprimorado: 1º. Busca de “origens das origens”, tentativas de análise em profundidade nas dimensões causas e riscos, do modelo de VISA. Ou seja, do chamado lado esquerdo da gravata-borboleta. Na prática, a análise sempre aponta escolhas políticas, aspectos culturais, práticas gerenciais estratégicas e de segurança atuando nas origens do ocorrido. 2º. A compreensão de que o acidente sempre vai além de seus desfechos imediatos e demanda estratégias de busca ativa de consequências tardias e de longa duração, seja na saúde (impactos de saúde mental e outros que variam com o tipo de evento), na dimensão social inclusive familiar, ambiental etc. O aumento de intervenções pós acidentes acometendo vítimas do precariado, do mundo do trabalho na informalidade, etc, aumentou o contato com impactos desse tipo. Vale lembrar impactos que, por força da definição de acidente adotada na esfera previdenciária, tendem a ficar invisibilizados em estatísticas oficiais baseadas em comunicações de acidentes de trabalho (CAT). Um terceiro tipo de desdobramentos veio da compreensão sobre o papel dos pesquisadores, dos agentes externos nesses processos de análise de acidentes e também sobre a distinção entre pesquisa teórica e de intervenção transformadora de práticas. Aos poucos cresceu no grupo de pesquisadores a insatisfação com os resultados observados, uma vez encerradas as análises e propostas de mudanças. Cresceu a percepção de que embora importante o modelo adotado não era suficiente para impulsionar transformações pós acidentes nas realidades estudadas. Mudar a realidade acidentogênica exige processos que associem construções pactuadas de tomadas de decisões, em especial, sobre estratégias de gestão de variabilidades de desempenhos em sistemas. Isso significa que, antes da análise propriamente dita, deve existir construção social pactuando com a alta gestão da empresa a criação de espaços de diálogo e de condições de acesso a dados, a descrições de processos de escolhas estratégicas, à interrupção de práticas punitivas vigentes, evitando adoção de mudanças unilaterais que afetem relações técnicas e sociais entre os participantes, etc; enfim, criando espaço democrático de debates a ser respeitado por todos. Nesse processo os agentes externos deixam de agir como experts, donos da verdade, que após diagnóstico entregam soluções mágicas a serem implantadas no sistema.

### O MAPA ENCONTRA O LABORATÓRIO DE MUDANÇAS (LM)

O encontro do MAPA com conceitos da teoria (sócio)histórico(a) cultural da atividade e em especial com a técnica do LM nos impulsionou por caminhos de busca de processos de análise apoiados na agência de participantes do sistema, atores coletivos de participação em ciclo de aprendizagem expansiva. Ou seja, um grupo que tende a vivenciar processo que começa com diagnóstico inicial e sistêmico da situação problema escolhida e será concluído com elaboração de proposta e teste de implantação de nova forma de organização da atividade. A proposta de mudança assim criada, se alicerçada em pactuação inicial sólida, pode permitir avanços não alcançados com outras modalidades de propostas de intervenção. No entanto, é preciso não perder de vista que a construção social em questão pode e tende a enfrentar resistências em todas as suas “etapas” podendo ser minada e derrotada a depender das correlações de forças em disputa. Por fim, cabe lembrar que o novo modelo de atividade também se apoia na compreensão dos acidentes como produtos de contradições surgidas no desenvolvimento histórico do sistema pensado na sua integralidade, nas três dimensões da VISA que devem ser repensadas, testadas e avaliadas em seus impactos. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*